

Razões da adoção de estratégias agroecológicas por famílias do assentamento Itapuí, Nova Santa Rita/RS

Reasons for the adoption of agroecological strategies for families Itapuí settlement, Nova Santa Rita/RS

MIRANDA F. Q.¹; COMIM J. J.²; SOGLIO F. K. Dal³

Resumo

As escolhas que as famílias fazem ao longo das suas histórias estão baseadas em acontecimentos diversos, de natureza social, cultural, política e ambiental. Essas determinam as relações que as famílias estabelecem com as pessoas e com o ambiente onde vivem e estão permeadas de razões práticas e lógicas simbólicas. Este estudo buscou analisar, a partir da caracterização da trajetória de vida de quatro famílias assentadas no Assentamento Itapuí, município de Nova Santa Rita, estado do Rio Grande do Sul, as motivações que orientam essas famílias em suas escolhas com relação à adoção de estilos de agricultura de base ecológica, ou de diferentes estratégias produtivas. Essas famílias são produtoras de hortaliças ecológicas há aproximadamente doze anos e têm histórias de vida diferentes, porém com pontos chave em comum. As relações sociais, culturais, econômicas, políticas e com o ambiente natural, estabelecidas ao longo das trajetórias acabaram por determinar a forma de relação com o ambiente e influenciam nas tomadas decisões com relação às estratégias produtivas adotadas na produção de hortaliças. As diferenças e semelhanças observadas nas trajetórias das famílias permitiram descrever, de forma qualitativa, a evolução dos manejos adotados na produção e analisar os principais razões de ordem prática e simbólica que interferem na adoção de determinado sistema de produção. Acredita-se que essas famílias sejam agentes sociais capazes de realizar projetos e desenvolver ações que promovam um processo local de desenvolvimento com base na agroecologia.

Palavras-chave: trajetórias de vida; agroecologia; razões práticas e razões simbólicas; reforma agrária.

Abstract

The choices families make through their stories are based on innumerable events, social, cultural, political and environmental. These facts determine what kind of relationships the families have with people and environment where they live and are fraught with practical and symbolic logic. This study investigates, from the characterization of the life trajectory of four families settled in the Settlement Itapuí, municipality of Nova Santa Rita, state of Rio Grande do Sul, the motivations that drives these families in their choices regarding the adoption of styles ecologically-based, or different production strategies. These families produce green vegetables for approximately twelve years and have different life stories, but with key points in common. The social, cultural, economic, political and natural environment, established along the trajectories determine the kind of relationship with the environment and influence the decisions regarding the production strategies adopted in the vegetables production. The differences and the similarities observed in the families trajectories allowed to describe, qualitatively, the evolution of managements on production and analyze the mains practical and symbolic reasons that interfered in the adoption of a

1 Fernanda Queiros Miranda, MSc em Agroecossistemas na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC: correio eletrônico: fernandaqmiranda@yahoo.com.br.

2 Jucinei José Comim, Professor na Universidade Federal de Santa Catarina.

3 Fabio Kessler Dal Soglio, PGDR Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

production system. We believe that these families are social agents able to develop projects and initiatives that promote local process development based on agroecology.

Key words: life paths; agroecology; practical reasons and symbolic reasons; agrarian reform.

Introdução

A retomada da agricultura camponesa, através de práticas agroecológicas de produção de alimentos e da lógica de manutenção social e cultural da família é uma forma de embate e de fortalecimento da agricultura camponesa. Ploeg (2008, p 173), chama esse processo de recampesinização, a “expressão moderna para a luta por autonomia e sobrevivência em um contexto de privação e dependência”, ou ainda, o aumento no grau de “campesinidade” da agricultura.

A unidade de produção camponesa, e no caso dos assentados, pensada como território conquistado através de luta social, não é somente o lugar para a família viver e produzir, nela também estão implícitas questões como as relações de apropriação e de convívio com a natureza, as histórias de vida e as vivências políticas, as relações sociais comunitárias – de vizinhança e compadrio, as manifestações culturais, os saberes, além das relações com a cidade (com o urbano).

Partindo dessas considerações conceituais, o foco de análise deste estudo está orientado, por dois eixos centrais. Primeiro quais as razões levaram as famílias às escolhas e tomada de decisão no sentido da agricultura ecológica. De outro, qual o sentido e significado que atribuem às suas decisões e ações, as quais orientam sua lógica nas escolhas das estratégias produtivas.

As escolhas que as quatro famílias do Assentamento Itapuú, município de nova Santa Rita, estado do Rio Grande do Sul, fizeram ao longo das suas histórias estão baseadas nas relações e em acontecimentos diversos, de natureza social, cultural, política e ambiental. Essas determinam as relações que estabeleceram com as pessoas e com o ambiente onde vivem e estão permeadas de razões práticas e lógicas simbólicas.

Sahlins (1979), afirma que, além de razões objetivas e práticas tomadas com relação à estratégia produtiva a ser adotada pelo camponês, tem que se considerar as razões simbólicas e subjetivas, que vem permeadas de determinações culturais. E não se trata de ignorar a razão prática, mas de perceber a coexistência de ambas as razões.

A pesquisa realizada teve um caráter qualitativo e foi fundamentada em três ferramentas metodológicas para coleta de dados primários: observação participante, entrevistas estruturadas e semi-estruturadas.

O objetivo geral do trabalho foi o de analisar as motivações que orientam as escolhas das famílias com relação à adoção de estilos de agricultura de base ecológica, ou de diferentes estratégias produtivas e manejos adotados na produção de hortaliças. Os objetivos específicos foram:

- Levantar o percurso histórico de cada família;
- Identificar as diferentes relações sociotécnicas e suas influências na história de vida dessas famílias;
- Identificar e descrever as estratégias produtivas ou os sistemas de manejo adotados pelas famílias, diferenciando os sistemas de produção;
- Entender como as famílias se relacionam com os recursos naturais e humanos e o que isso significa para elas.

Distâncias e estreitamentos nas relações entre homem e natureza

A resistência brota com a agroecologia: o viés qualitativo.

A capacidade de resistência dos camponeses está centrada em seus conhecimentos, na sua capacidade de agência, adquiridos ao longo de suas histórias de vida, nas relações com a comunidade e com outros atores (como técnicos, mercados, igreja, instâncias políticas, entre outras) e está materializado na produção de alimentos.

Partindo da análise de Ploeg (2008), sobre recampesinização, os assentamentos de reforma agrária e, em especial, o MST como uma das expressões dessa tendência, tem um papel importante tanto em termos quantitativos com o aumento do número de camponeses, como em termos qualitativos, com o aumento da autonomia através do fortalecimento da natureza camponesa perante os processos de modernização (ou a menor dependência do mercado de insumos).

Ainda segundo Ploeg (2008), a agricultura camponesa constrói o seu progresso a partir do emprego do seu trabalho e de seus conhecimentos na valorização dos potenciais ecológicos e socioculturais locais.

Entendendo a agroecologia como a ferramenta de desenvolvimento do campesinato em oposição à agricultura moderna, ela se coloca num movimento que busca autonomia frente ao processo produtivo. Isso implica afirmar que somente através da agroecologia os processos de recampesinização podem ser consistentes em termos qualitativos.

Teoricamente acredita-se que os assentamentos sejam territórios muito importantes para a consolidação da agroecologia, já que têm condições de fazer isso de forma não isolada e inserida em um contexto político e social, provocando transformações quantitativas e qualitativas na estratégia de desenvolvimento pautada na recampesinização.

Neste caso, opções pessoais influenciadas por envolvimento com pessoas-chaves, tendências de mercado, opção política e resgate cultural de práticas trazidas da matriz europeia são razões da adoção da agroecologia pelos assentados.

Os camponeses e as razões simbólicas

A tomada de decisão com relação à estratégia produtiva, ou seja, escolher agroecologia, e mais especificamente determinados manejo produtivos de base ecológica, está guiada tanto pelas suas particularidades de recursos naturais, ou econômicos que lhe agregam um valor diferencial de venda, quanto pela sua correlação com um sistema simbólico de valores.

Quando um assentado fala em produzir uma “alimentação saudável” com “produtos de qualidade”, demonstra que existe esta *razão simbólica* orientando a adoção da agroecologia como um modelo produtivo em sua unidade de produção.

Woortmann; Woortmann (1997, p. 9), explicam que nem os recursos, nem os instrumentos e os homens existem socialmente sem a cultura. É o saber que permite usá-los e é a cultura que lhes dá significado inclusive para mais além da materialidade ou da instrumentalidade prática do trabalho (WOORTMANN ; WOORTMANN; 1997, p. 10).

Isso significa que além de razões objetivas e práticas tomadas com relação à estratégia produtiva a ser adotada pelo camponês, tem que se considerar as razões simbólicas e subjetivas, que vem permeadas de determinações culturais. E não se trata de ignorar a razão prática, mas de perceber a coexistência de ambas as razões. Assim, Sahlins, (1979, p 188), afirma que:

“(...) toda produção, mesmo onde ela é governada pela forma-mercadoria e pelo valor de troca, continua com produção de valores de uso. Sem o consumo, o objeto não se completa como um produto: uma casa desocupada não é uma casa (lar). Entretanto, o valor de uso não pode ser compreendido especificamente ao nível natural de “necessidades” e “desejos” – precisamente porque os homens não produzem simplesmente “habitação” ou “abrigo”, eles produzem unidades e tipos definidos, como uma cabana de um camponês ou um castelo de um nobre”.(SAHLINS, 1979, p 188)

Para o camponês, a terra não é somente o lugar onde se planta e colhe, é o lugar onde ele trabalha e vive com sua família, e o mercado não é só de capitalistas exploradores, é o lugar onde ele vende a sua produção e adquire produtos para a manutenção da família e os vizinhos não são concorrentes, são parte da comunidade onde são realizadas as festas, os encontros os debates políticos (SAHLINS, 1979).

O processo de trabalho do camponês é visto como uma organização de espaços e combinação de espécies e variedades vegetais, formando o que Woortmann & Woortmann (1997, p. 9), chamam de “ecossistemas construídos com base em modelos de saber e de conhecimento da natureza”, sendo esse saber, denominado pelos autores como “parte de um modelo mais amplo de percepção da natureza e dos homens”. Ou seja, para entendermos as escolhas das estratégias produtivas ou manejos adotados precisamos conhecer tanto o modelo cultural quanto o processo histórico nos quais os camponeses estão envolvidos.

Não só o trabalho prático ou manejo produtivo, mas as relações de comunidade e vizinhança ao longo da trajetória de vida, e os costumes e hábitos familiares herdados definem as razões de tomada de decisão. Velho (1984), em seu trabalho “Por que se migra na Amazônia”, enfatiza que devemos pensar quais são os valores mais básicos que orientam as tomadas de decisão nas diversas situações concretas.

A análise das ações a partir da Perspectiva Orientada ao Ator – POA.

Desenvolvida inicialmente por Normam Long e estudada e aprofundada por Jan Douwe van der Ploeg, a perspectiva orientada ao ator – POA, busca explicar as diferentes respostas dadas pelos atores sociais, aqui neste caso com relação à escolha das estratégias produtivas, expostos as circunstâncias estruturais (influências) e condições similares.

Para Long (2001), devem-se considerar as pessoas como parte ativa num processo onde elas sofreram alguma intervenção, reconhecendo o caráter dinâmico e os diferentes significados por eles atribuídos, já que todas as formas de intervenção externa entram no mundo sócio-vital dos indivíduos e dos grupos sociais afetados, implicando, portanto na confrontação e interpretação de modos de vida diferentes.

As situações, acontecimentos e suas causas são percebidas pelos camponeses (atores) de diferentes formas, por isso torna-se imprescindível o entendimento dos indivíduos como atuantes no processo de desenvolvimento rural e assim, capazes de fazer a sua própria história, convivendo com estruturas políticas e econômicas em contextos sociais diferenciados (SOUZA, 2009).

Acredita-se, concordando com Long (2001), que essas famílias a partir das escolhas que fazem com relação às suas estratégias produtivas, sejam agentes sociais capazes de realizar projetos e desenvolver ações que promovam um processo local de desenvolvimento.

Nesse processo de desenvolvimento, no qual o camponês (ou a família camponesa) é ativo, estão em movimento diversas redes de relacionamentos às quais ao longo de suas histórias as famílias se envolvem.

Essas redes influenciam as tomadas de decisão tanto de forma objetiva e prática, como são os casos de recurso financeiro e das feiras de comercialização ou ainda a influência de técnicos das equipes de extensão rural, como de forma subjetiva ou simbólica: as relações com vizinhos e parentes, a religião ou questões culturais herdadas das famílias.

Conhecendo o lugar

O Assentamento Itapuí

A pesquisa foi desenvolvida em lotes de famílias assentadas pelo Programa Nacional de Reforma Agrária, implementado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Essas famílias têm como local de moradia e trabalho o Assentamento Itapuí que está localizado no município de Nova Santa Rita, região metropolitana de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul (RS).

O município de Nova Santa Rita está localizado a aproximadamente 19 km de Porto Alegre, no leste do estado do Rio Grande do Sul.

O assentamento Itapuí, com sede no município de Nova Santa Rita, ocupa uma área de 1.172 ha, onde foram assentadas 68 famílias originalmente.

No início, houve dificuldades de adaptação destas famílias em função das diferenças entre as regiões de origem e a região do assentamento, no que se refere à estrutura fundiária e ao sistema de cultivo, uma vez que a maioria das famílias é proveniente da região do Alto Uruguai, noroeste do estado. A região da Planície Costeira, onde está localizado o assentamento, caracteriza-se por apresentar propriedades dedicadas ao cultivo de arroz irrigado, à pecuária e à silvicultura. Já na região de origem das famílias, o sistema agrário é caracterizado por propriedades menores, onde predomina a agricultura familiar dedicada ao cultivo de grãos.

“Quando a gente veio assentar aqui na região era muito diferente, mudou completamente a cultura da gente, era tudo diferente, o ritmo, o plantio, o que plantava, lá fora a gente plantava milho, trigo, grãos, aqui não dava”.

(Olair, depoimento assentado.)

“Nós ‘cheguemo’ e ‘viremo’ tudo essa terra com arado pra plantar milho, trigo e feijão. Acabamos com a nossa terra, não dava nada, ‘plantamo’ até milho no banhado. Depois que a gente foi ver que o que dava aqui era melão, melancia, verduras”.

(Adir, depoimento assentado.)

Atualmente estão assentadas 80 famílias. A produção para o autossustento é regular, sendo que mandioca, abóboras, feijão, hortaliças, algumas frutíferas e pequenos animais são alguns dos itens produzidos pelas famílias. A produção para a venda engloba os cultivos do arroz, milho, mandioca, feijão, melão, melancia, hortaliças convencionais e orgânicas, cana-de-açúcar e a produção de leite.

Diferenças, semelhanças e possíveis razões da adoção das estratégias produtivas

Ao estudar a trajetória das quatro famílias assentadas no Assentamento Itapuí foi possível perceber que existem muitas semelhanças e diferenças na forma com que eles se relacionam com os recursos naturais, assim como nas razões da adoção de suas estratégias produtivas.

Os acontecimentos ao longo da história de cada família foram influenciando a tomada de decisão de cada uma delas. Um ponto importante e comum às quatro famílias é a luta pela terra, pois determinou a oportunidade de traçar um caminho no meio rural, e também determinou a condição de 'Sem Terra', como dito por Veras (2005), "há de se considerar a especificidade dessa categoria emergente a qual parte da definição da sua condição de excluído, para se constituir como sujeito". Conforme Veras (2005, p 28), "estes grupos sociais refletem a reação dos colonos que a partir do conflito, organizam-se, criam sua própria ideologia, objetivos e símbolos transformando-se num movimento social organizado".

A origem camponesa

Com relação à origem camponesa as famílias pesquisadas têm muitas similaridades, primeiramente a maioria delas é de origem rural de municípios da região Noroeste do estado do RS, onde predominava a pequena agricultura camponesa com raízes na colonização alemã e italiana.

Os colonos que vieram para o Brasil no século XIX foram os principais responsáveis pela produção e comercialização de alimentos na época, e conseguiam abastecer os mercados locais com a produção das pequenas propriedades familiares (VERAS, 2005). Trouxeram consigo também as ferramentas agrícolas como os implementos utilizados em juntas de bois (arado e grade) e técnicas de cultivo típicas de países de clima temperado como o revolvimento do solo para arejamento e incorporação de adubo orgânico (GOMES, 2004). Mesmo assim, o manejo ainda era bastante voltado para os policultivos e a preservação de recursos naturais.

As quatro famílias do Assentamento Itapuí são colonos descendentes de europeus, tem em sua cultura traços da matriz produtiva trazida por seus antepassados, como por exemplo, o uso de arados de boi. Trazem consigo a vontade de se reproduzirem socialmente através da agricultura e buscam envolver seus filhos no trabalho da unidade de produção, como forma de afirmar um valor ético e moral herdado.

Por outro lado, também se "modernizaram", principalmente influenciados pelas relações de mercado e também por influência de agentes como os técnicos que prestam assistência técnica local e das relações e vizinhança. Tudo isso acontece, conforme Ploeg (2008, p 60), numa trajetória de recampesinização, sem deixar de lado sua autonomia em oposição à dependência, privação e marginalização.

Cladir, Adir e Olair têm suas origens diretamente relacionadas às lidas cotidianas do campo, viveram e cresceram trabalhando nas pequenas propriedades de seus pais junto com seus irmãos. Geralmente as famílias eram muito grandes e havia bastante força de trabalho para produzir alimentos para todos e ainda excedentes para comercializar.

Já Olímpio se diferencia dos demais, pois mesmo tendo nascido e vivido grande parte da vida no meio rural, não era agricultor, nem filho de pequenos agricultores. Seus pais viviam de atividades não-agrícolas, o pai era fotógrafo.

Gorete, esposa de Olair e Azilda esposa de Olímpio, têm suas origens na cidade, mas com uma forte ligação com os camponeses por causa do trabalho que desenvolveram ao longo de suas trajetórias. A Azilda com o trabalho de fitoterapia e plantas medicinais e a Gorete com o histórico de militância política e educadora no meio rural.

De certa forma, as quatro famílias sofreram influências culturais diretas ou indiretas do sistema de produção tradicional que era adotado por seus familiares ou pelas comunidades às quais faziam parte antes de serem assentados, assim como sofreram influência do processo de modernização da agricultura.

Para Carvalho (2007), torna-se necessário que as particularidades vivenciadas pelos agricultores sejam

resgatadas na tentativa de (re) construir uma ação autônoma, com base em experiências concretas. Assim, a criação da *identidade social dos excluídos* a partir de sua condição de desenraizado é bastante difusa entre os indivíduos que compõe o MST. É preciso não reduzir esta categoria ao retorno a um passado idílico, mas à resignificação de valores e atividades que foram perdidas no processo de modernização (VERAS, 2005, p 27).

De alguma maneira a integração dessas famílias a um processo político de um movimento social possibilitou a retomada da terra, fator imprescindível na afirmação da condição de camponês, possibilitou também o estabelecimento de relações sociais dentro da organização política, com a vizinhança, com a assistência técnica, com os mercados entre outros fatores determinantes que influenciam as tomadas de decisões nas estratégias produtivas adotadas pelas famílias.

A unidade de produção e a força de trabalho familiar

No que diz respeito ao ambiente onde estão localizadas as unidades de produção, poucas são as diferenças existentes entre as famílias. Todas estão localizadas no Assentamento Itapuí, em áreas próximas umas das outras. As unidades são caracterizadas por possuírem áreas secas e úmidas. Somente no caso Olímpio a unidade está praticamente toda em áreas secas. Essa localização faz com que Cladir, Adir e Olair realizem os manejos dos canteiros de horta de verão nos áreas úmidas e de horta inverno nas áreas secas.

As APP's onde estão localizados os lotes estão todas preservadas, inclusive as quatro famílias ao longo desses anos enriqueceram essas áreas de preservação com espécies de frutíferas nativas e outras árvores nativas. O objetivo foi a criação de barreiras físicas de proteção dos cultivos, e de ambientes mais diversificados, que proporcionassem a vinda de insetos polinizadores, pássaros e outros animais.

A relação com um ambiente natural degradado e as intenções de recuperação e melhoramento deste ambiente para manutenção da família através da atividade agropecuária é característica inerente a essas quatro famílias, que além de se manterem no campo através de um processo de lutas e conquistas, procuram melhorar o ambiente onde trabalham e moram.

Essa é uma característica tradicional do camponês que procura com o processo de trabalho “uma organização de espaços e combinação de espécies e variedades vegetais”, formando o que Woortmann & Woortmann (1997, p. 9), chamam de “ecossistemas construídos com base em modelos de saber e de conhecimento da natureza”, sendo esse saber, denominado pelos autores como “parte de um modelo mais amplo de percepção da natureza e dos homens”.

Cladir enfrenta uma série de dificuldades por causa da falta de força de trabalho. A dificuldade de força de trabalho levou Cladir a tomar algumas decisões como o uso de cobertura plástica, e hoje em dia a diminuição no número de canteiros.

Adir também contrata força de trabalho para conseguir “vencer” todas as atividades durante a semana. Da mesma forma que o Cladir, isso também pode ter influenciado na adoção de manejos que demandem menos tempo de trabalho, como é o caso da cobertura plástica e da falta de consórcios e policultivos.

Já Olair pode contar, eventualmente, com a força de trabalho dos filhos Sandino e Maíra e eventualmente contrata força de trabalho de fora da família. Sob influência do filho, realizam alguns manejos mais diferenciados, como o plantio direto, as coberturas verdes, os consórcios e os policultivos.

Olímpio também pode contar com a força de trabalho familiar, e ainda não sentiu a necessidade de contratação de força de trabalho “extra”. Os filhos trabalham em tempo parcial, mas ele adotou uma estratégia de trabalhar com áreas pequenas e qualificadas e beneficiar a produção para agregar valor. Azilda, trabalha na confecção de geléias, doces, compotas, sucos e licores que são produzidos e vendidos pela família.

Percebe-se a influência da disponibilidade de força de trabalho na tomada de decisão com relação ao manejo adotado por cada família. Além da influência objetiva na prática adotada, tem um peso subjetivo que é a ausência dos filhos na unidade de produção e a perda de vínculo dos filhos com a terra, que culturalmente para os colonos deveria passar de geração para geração.

Tanto com relação ao ambiente natural na unidade de produção, como a força de trabalho influenciam, ou determinam, a escolha do tipo de estratégia adotada, ou mais especificamente o manejo adotado em determinada cultura e época.

A renda e as oportunidades de mercado

A pressão de mercado exercida sobre os produtores agroecológicos que vivem no entorno dos centros urbanos também podem levar à adoção de determinados manejos. Os consumidores das feiras de produtos agroecológicos buscam cada vez mais qualidade e maior número de variedades de produtos oferecidos. Por outro lado, é uma oportunidade relevante na consolidação econômica das unidades de produção.

Nos casos do Cladir, Olair e Adir, a comercialização é feita diretamente ao consumidor em feiras de produtores nas cidades de Porto Alegre e Canoas. O Olair, além das feiras, entrega cestas para algumas famílias. Já Olímpio tem uma forma de comercialização bastante diferenciada, vendendo os produtos em casa e por encomendas e agora fazendo feira uma vez por semana. No caso dos morangos, Cladir leva parte da produção para as feiras e vende para Olímpio.

Assim, a existência concreta de um mercado consumidor faz com que essas famílias estabeleçam relações de mercado bem favoráveis, e também relações de amizade e trocas de conhecimento.

A partir do momento em que o volume de comercialização começa a crescer, também aumenta a renda familiar, e isso tem acontecido de forma particular nas feiras. Por outro lado, o sistema produtivo tem que dar conta dessa demanda crescente de mercado, e como no caso das famílias aqui estudadas a força de trabalho continua a mesma, elas acabam adaptando as técnicas de manejo para economizar tempo e força de trabalho e, assim, aumentar a produção.

Porém a racionalidade é camponesa, pois o manejo não é mudado completamente visando o lucro, e sim adaptado para atender demandas de mercado. Abramovay (1992, p. 101), explica que “a racionalidade econômica do campesinato é necessariamente incompleta porque seu ambiente social permite que outros critérios de relações humanas (que não econômicos) sejam organizadores da vida”.

Mesmo sendo as questões econômicas muito importantes, percebe-se que Cladir, Adir e Olair gostam muito do contato direto com consumidores que acontece nas feiras. Afirmam que a feira é um momento de encontro com outros camponeses, que já se tornaram amigos.

De acordo com Sahlins (1979), diferentes atividades econômicas racionais poderão ser concebidas visando suprir as necessidades dos indivíduos. Estas motivações são guiadas também por uma razão simbólica, ou seja, estão sempre mediadas pela cultura. Nessa perspectiva a cultura pode conformar-se de acordo com pressões materiais, mas o faz de acordo com um sistema simbólico definido (VERAS,

2005, p 88). Ir “ao comércio”, além de vender produtos, para esses camponeses é ir fazer trocas, mostrar o que fazem e encontrar pessoas para o “chimarrão”.

Os sistemas de produção adotados pelas famílias

Existe uma grande diversidade de sistemas de produção adotados por produtores agroecológicos. A adoção de determinada técnica está associada a diferentes fatores, como já dito anteriormente, entre eles estão, as raízes e o histórico cultural e social vivido, as questões econômicas e as questões ambientais. Apesar de essas famílias terem em comum em suas trajetórias, a opção por um sistema de agricultura com base em princípios agroecológicos, existem diferenças consideráveis em seus sistemas de produção adotados.

As famílias do Cladir e Adir adotam um sistema de produção denominado por eles mesmos como de agricultura orgânica. Embora eles incorporem em suas unidades de produção muitas preocupações com relação ao todo do agroecossistema, o foco principal é a produção de hortaliças para a venda nas feiras. Preocupam-se, por exemplo, com a diversificação da produção para alimentação da família, com a proteção dos recursos naturais e com o embelezamento da unidade de produção.

O planejamento da produção é empírico, e realizado com base na comercialização. Como a força de trabalho familiar disponível para eles é reduzida, adotam técnicas que economizam tempo de trabalho, mas que mantêm a produção e comercialização. Uma técnica utilizada, atualmente pelo Adir, mas Cladir também adotou durante um período, é o uso de cobertura plástica em grande parte dos canteiros. Em alguns canteiros onde não é utilizada cobertura com plástico eles realizam a capina. Cladir utiliza palhada como cobertura, e atualmente tem realizado plantio direto, sem uso de plástico.

Outro manejo utilizado em comum pelos dois, é a prática de rotação de culturas em canteiros e em áreas de horta de inverno e de verão, com hortaliças ou com plantas espontâneas e adubação verde. O uso de caldas e biofertilizantes também se fazem necessários eventualmente. Cladir realiza alguns consórcios de hortaliças, enquanto Adir ainda não adotou essa prática. A adubação é realizada com cama de frango comprada em conjunto.

O uso da enxada rotativa se faz presente nas unidades de produção do Adir e Olair. Olair, realiza movimentação intensa do solo com aração, gradagem e enxada rotativa desde que iniciou a atividade, se aproximando bastante do manejo convencional do solo. Por outro lado, realiza planejamentos pensando no todo da unidade e não somente na produção de hortaliças, embora essa seja a atividade principal. Planejou, por exemplo, a produção de frutíferas e implantou um sistema agroflorestal. Também apresenta grande preocupação com as áreas de proteção ambiental (APP, Reserva Legal e outras áreas de florestas no lote), e ao longo dos anos foi ampliando essas áreas, para utilizá-las como barreira física para os cultivos.

Olair realiza diversos consórcios entre hortaliças e com plantas espontâneas, e também utiliza a prática de rotação de culturas entre canteiros e em áreas de produção de inverno e de verão. Realiza algumas experiências de plantio direto. Olair não utiliza cobertura plástica nos canteiros, preferindo o uso de cobertura com palha ou cobertura viva com plantas espontâneas, onde realiza uma capina seletiva sem deixar a terra descoberta. Porém a cobertura não é utilizada em todos os canteiros e muitos ficam descobertos, inclusive o espaço entre canteiros, ocasionado erosão.

A produção desses três agricultores é bastante diversificada, só de hortaliças são mais de trinta

variedades, além da produção para o consumo familiar. Também têm em comum a produção própria de mudas e a dificuldade em encontrar sementes orgânicas de hortaliças no mercado.

Parece que as práticas adotadas pelos horticultores são padronizadas quando se trata de manejo de solo; virou senso comum a informação que as hortaliças exigem mobilização intensiva do solo, incluindo aração profunda, gradagem e levantamento de canteiros nivelados (GOMES, 2004).

Howard (2007), afirma que era de costume, próximo a Londres, por exemplo, que as carroças que haviam trazido os engradados de verduras voltassem pra casa com uma carga de esterco de cavalo. O atual modelo de horta difundido no mundo pelos europeus teve suas raízes nesse padrão de comercialização campo-cidade, com a utilização de adubação orgânica feita com os estercos de cavalos e o revolvimento intensivo do solo para mineralização da matéria orgânica, devido ao clima temperado.

Ainda hoje, de maneira geral, a horticultura no Brasil vem sendo desenvolvida nos padrões de manejo europeu: intensa movimentação do solo (gradagem, aração e uso e enxada rotativa), adubação (convencional ou orgânica) e eliminação total de plantas espontâneas (GOMES, 2004).

A concepção de manejo do ambiente horta, e mais especificamente do ambiente solo, está ligada à forma de relação estabelecida entre o homem e os recursos naturais, que é construída a partir de um histórico social, cultural, político ou econômico vivenciado.

Olímpio não trabalha com as mesmas variedades das outras três famílias. Ao chegar no assentamento foi morar na sede da antiga fazenda, onde já havia uma estrutura pronta. Preocupou-se bastante ao longo dos anos em planejar a sua unidade de produção para diversificá-la ao máximo. Realizou o plantio de árvores nativas em todo o entorno do lote, enriqueceu as áreas de proteção, visando o aumento de pássaros e outros polinizadores, além de outros animais que pudessem aparecer com o aumento da diversidade.

O plantio do morango, de outras frutíferas e da cana-de-açúcar é o mais próximo de um manejo ecológico, embora, realize o preparo do solo com uso de arado puxado por uma junta de bois. Preocupa-se muito com a cobertura do solo e em toda a sua unidade de produção praticamente não há solo descoberto. Nos canteiros de morango, utiliza cobertura plástica no solo e túnel. Nas entre linhas utiliza cobertura de palhada. Vem experimentando o uso de cobertura viva e de palhada em alguns canteiros de morango, porém na maior parte utiliza o plástico.

Para a cana-de-açúcar experimentou o plantio sem o revolvimento do solo em algumas áreas e tem feito o manejo seletivo de espontâneas com capina. Raramente utiliza um produto para controle biológico e biofertilizantes. Olímpio sabe dos problemas causados pelo revolvimento do solo e tem buscado deixar de realizar essa prática.

De forma geral, eles têm em comum a falta de animais nas unidades e essa é uma questão bastante limitante na produção, pois ficam dependendo da compra de cama de frango e muitas vezes desconhecem a procedência. A conjugação de animais e lavouras é primordial numa unidade de produção agroecológica, pois fecha um ciclo de recursos e nutrientes utilizados dentro da própria unidade (MACHADO, 2004). Segundo depoimento das famílias, a criação de animais não é feita por causa da falta de tempo e de força de trabalho.

Assim, as famílias através de acontecimentos práticos cotidianos, e de toda a subjetividade existente no modo vida camponês como a relação com a terra, a família, a comunidade (assentamento) e os recursos naturais, tomam decisão e definem estratégias produtivas e assim podem mudar o curso de suas

histórias.

Considerações Finais

Com o decorrer dos acontecimentos históricos, as mudanças ocorridas no campo influenciaram diretamente na trajetória de vida dessas famílias. A dificuldade na obtenção de terra para manutenção das famílias (que eram bastante numerosas) no campo, e o conseqüente empobrecimento dessas famílias causado pela “modernização” da agricultura na década de 80 fizeram com que essas famílias buscassem novas formas de se manterem no campo.

Durante o estudo das trajetórias foi possível perceber que além dos impulsos iniciais para a mudança e dos objetivos de cada família, questões como a disponibilidade de força de trabalho familiar e a influência da juventude, e as possibilidades de mercado e o aumento da renda, as tradições e costumes herdados das famílias através das gerações, foram determinantes na escolha dos manejos adotados ao longo dos anos. Eles visualizaram, a partir de cada história vivida, uma forma de viver e permanecer no campo e a opção da agroecologia ou da agricultura orgânica ofereceu a possibilidade de consolidar suas atividades e planos.

Ao longo de suas trajetórias essas famílias se envolveram em redes que determinaram e fortaleceram as tomadas de decisão. Relações nas famílias, com os vizinhos, com a assistência técnica, na comunidade, em reuniões e espaços políticos e de formação técnica do MST, nas feiras, no trabalho diário com a natureza, enfim, cada uma das quatro famílias tomam decisões e são ativos nos processos de mudança e desenvolvimento, e podem a partir da realidade vivida mudar o rumo de suas histórias.

A produção de hortaliças orgânicas, ou qualquer produção material, não é somente uma prática lógica de eficiência e utilidade material, ela está permeada de significados dados pelas famílias, ou, as razões não são só de origem prática, mas também simbólicas.. Claro que o retorno econômico colocado pela objetividade das feiras traz uma materialidade concreta que determina boa parte das tomadas de decisão, mas por outro lado, costumes, crenças e práticas herdadas de antepassados também influenciam nas escolhas.

Referências

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo agrário em questão**. São Paulo/Rio de Janeiro/Campinas. Hucitec ANPOCS / Ed. Unicamp, p 99 a 131, 1992.
- CARVALHO, H. M. **O Campesinato na dinâmica contraditória das classes sociais no campo**. Curitiba, 2007.
- GOMES, G. Plantio direto de hortaliças orgânicas: estudo de caso em uma propriedade periurbana em Florianópolis, SC. Dissertação (mestrado em Agroecossistemas) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias. Florianópolis: 2004.
- HOWARD, A. **Um testamento agrícola**. Trad.: Eli Lino de Jesus. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2007.
- LONG, N. **Development sociology: actor perspectives**. London and New York: Routledge, 2001.
- PLOEG, J. D. **Camponeses e Impérios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- SAHLINS, M. **Cultura e Razão prática**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1979.
- SOUZA, J. M. Percepção ambiental dos citricultores ecológicos da cooperativa ECOCITRUS – Vale do Caí / RS. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2009. 134p.
- VELHO, O. Por que se migra na Amazônia. **Revista Ciência Hoje**, vol 2 . 10 fev. 1984.

VERAS, M. M. Agroecologia em assentamentos do MST no Rio Grande do Sul: entre as virtudes do discurso e os desafios da prática. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2005.

WOORTMANN E. F. & WOORTMANN, K. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1997.